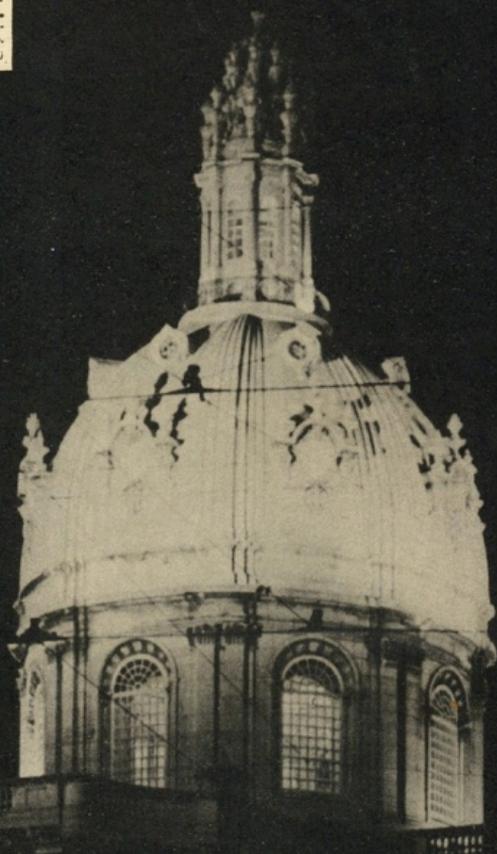


ANO I — N.º 36 — PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 11 DE DEZEMBRO DE 1941

A BASÍLICA DA ESTRELA, «EX-LIBRIS»
DE LISBOA, domina a cidade, ilumina-
da em noite festiva de Dezembro.
(Foto J. Garcia)



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Há exactamente vinte e cinco anos...

avida e a morte de Gregor RASPUTINE

por S. Schmutz

GREGOR RASPUTINE, filho dum camponês pobre, nasceu em 1871, em Protokovskoe, no governo sibérico de Tobolsk. Crescendo sem instrução escolar e não aspirando a trabalhar no arduo ganha-pão do seu promotor, começou a pescar em águas turvas, suscitando o crescimento do negócio de cavalos roubados e de outras proezas desta natureza e devotando-se ao mesmo tempo, ao álcool e ao viciandismo.

Ainda muito novo, travou conhecimento com um padre, conhecido esse que havia de ter influência decisiva sobre a sua vida.

Desapareceu então da sua aldeia natal e viveu durante várias meses no claustro de Werkhourie, a fim de se adaptar aos hábitos ascéticos e criar o desembaraço de que necessitava na profissão que tentava seguir. De repente, voltou a aparecer, de cabelo e barbas compridas, em sandálias, com uma cogula de monge, cingida por uma corda grossa. Deste modo, o santo estava pronto.

A princípio, ele dedicou-se a hábitos ascéticos, e a colecta de donativos para a construção de igrejas. E a actividade, contudo, que o obrigava a pregar de aldeia em aldeia, não lhe sabia bem. Por tal motivo, lançou uma seita, que denominou de «Xerokistas», a qual se propunha a enxotar os maus demónios dos corpos de espiritual ou materialmente enfermos. No entanto, e a breve trecho, várias negociações de carácter obscuro estavam ligadas à actividade da seita raspunitina, o que provocou a maior indignação em toda a área de Tobolsk.

Não foram as autoridades, todavia, meter o «santo» e os seus apamiguados na cadeia ordem é que este misticismo tinha um ar de católicas e de tradicionalismo russo, favorecido por S. Petersburgo e Moscovo, porque se considerava como o melhor remédio contra a cultura ocidental e as perigosas ideias revolucionárias. Ordenou, portanto, o Santo Sínodo — que estava inteiramente sob a influência reacçãoária de Pobiedonozov, instrutor do Czar — muito delicadamente ao clero de Tobolsk e circunvizinhanças, que agisse no sentido de melhorar a conduta de Rasputine, e lhe ensinasse, sobretudo, a ler e escrever, visto o «santo» ainda se encontrar na ínfima estadia do analfabetismo.

Não se sabe ao certo se o nosso herói realmente aprendeu, mas há indícios seguros de que, com efeito, adoptou um pouco de cultura superior. Consequentemente, a sua fama ia-se difundindo cada vez mais. O público simulava ignorar o seu comportamento escandaloso, pretendendo que tudo isso lazia parte da sua razão de ser. Com efeito, o profeta devia a posição de que gozava essencialmente a maneira como fascinava e seduzia o sexo frágil, em toda a parte. — Um gigante de estatura, olhos cintilantes, profundos e cintilantes, testa baixa, uma barba ruiva enorme.

«O céu está alto, a mãe terra Rússia é grande e o paizinho Czar está longe» — diz o provérbio russo. Assim, podia acontecer que ninguém liasse grande importância, em S. Petersburgo e Moscovo, ao nome «Staretz» bebado.

«Staretz» é uma palavra russa que significa mais ou menos o que «Sheik» em árabe — velho ou homem de idade. Como se sabe, a antiga Igreja russa ortodoxa tendia, como nenhuma outra, a aplicar o misterio, a superstição e à crença na influência do sobrenatural sobre os destinos do «corpo» mortais. Dada a grande ignorância dos camponeses russos, de que três quartos não sabiam ler e escrever, e o baixo grau cultural do clero dos aldeões, não é de estranhar que surgissem pessoas refinadas e «portanhadas» lúdicas, a explorar a credulidade das multidões e a obter uma posição privilegiada e lucrativa, deslumbrando-as com falas concionantes de nova religião. Nenhum outro elemento melhor e pior e outros mais perigosos entre estes sintomas da alma russa. Ora, o mais destacado dentre estes últimos, foi Rasputine, sem dúvida.

Os dias de Rasputine houbera na Santa Rússia

quem iniciava a sua carreira como «Staretz». No reinado de Alexandre I, vivia um débil, um prece público e piedoso a quem atribuíam o dom da predição e da inspiração divina, podendo ele — como se dizia — intervir junto do Todo Poderoso em casos de emergência. Era reconhecido como guarda da verdadeira religião na Terra Russa. A sua bênção trazia a salvação eterna, a sua maldição — a condenação. A influência destas singulares figuras sobre os aristocratas e mesmo sobre a Córte, não representava nada de extraordinário, no Império Czarista. Nos tempos de Nicolau I, por exemplo, o profeta João Koroixa gozava dum reconhecido autoridade. Também teve um papel grandioso — porque nem as mãos linguas usavam caluniado-lo — na última, década do século passado, o senil e venerando



RASPUTINE

preste João de Kronstadt, que se elevava a homem de confiança de Alexandre III, sem, todavia, abusar da veneration que lhe era dispensada, para fins improprios. Em todos os actos de estado escutava-se a seu conselho espiritual e era ele quem estava ao pé do leito do Imperador nos seus últimos momentos e lhe ministrava a extrema unção.

Mas, depois, seguiu-se a depravação. O homem prodigioso era geral e constantemente acompanhado por um séquito de sectários fanáticos, que se serviam da sua influência para os fins imorais. Embusteiros e vigaristas, cavalheiros de origem obscura, atravancaram-se, com maior, outros com menor sorte, ao rendoso negócio dum «Staretz». Justavam dinheiro para pobres e instituições de beneficência (do qual, é claro, de apreciava a parte de leão nos seus algaribeas) e faziam um comércio lucrativo com utensílios eclesiásticos, com água benta, velas, ícones, etc. O maior rendimento era dado pela

intercepção por docentes e pelas preces por agonizantes.

O caso de Rasputine é típico, mais precisamente devido à sua sorte proverbial.

Munido dum carta de recomendação do prior do claustro de Werkhourie, o monge abandonou a sua terra natal e veio, em 1899, com a idade de 28 anos, a Kronstadt, às portas da capital. Conseguiu captar a simpatia do Santo João de Kronstadt, que o tomou debaixo da sua poderosa protecção e o autorizou a retomar a sua actividade em S. Petersburgo.

O centro das ideias místicas e reacçãoárias, era naquela altura o palácio da velha e riquíssima condessa Ignatiev, ambiciosa e intrigante, famosa pela sua ortodoxia e superstição tradicional. Era viúva de Nicolau Ignatiev, o politico conhecido como pan-slavista e perseguidor dos judeus, em tempos embaixador em Constantinopla, provocador da guerra balcânica de 1877, favorito de Alexandre II, implacável representante da reacção e da anti-impulção violenta do Nihilismo, e que morreu, vítima dum atentado, em 1908. A viúva adoptou com êxito o seu testamento politico, continuando no mesmo caminho. Como a sua influência era enorme, o seu palácio constituia um «place de rendez-vous» para supplicantes ambiciosos e parasitas sociais de toda espécie. Homens que queriam um péso de governador, governadores que ambicionavam uma pasta de ministros, monges que pretendiam ser bispos, bispos que pretendiam ser arcebispos, donos de um feudo que careciam duma hipoteca, oficiais da Rússia Asiática ou do Cáucaso que aspiravam ao brilho dos regimentos das capitais, adoradores do grande Pobiedonozov, que condenavam tudo que era europeu e ocidental e viam a única redenção da Rússia no regresso à Idade Média, etc. A estrita de Rasputine subia, logo em tempo havia dirigido os seus óvidos olhares sobre esse círculo. Lançar raizes neste terreno era a sua suprema ambição. Era difícil, mas conseguiu. Por meio de lisonjismo e cartas milagrosas, a respeito das quais nada se logou desvendar até agora, em 1904, a simpatia de Teofan, reitor da Academia clerical de S. Petersburgo, um dos pilares do sistema eclesiástico-ortodoxo e íntimo da condessa Ignatiev. Graças à poderosa recomendação deste, Rasputine introduziu-se nos salões da condessa, arrebatando os corações (especialmente das damas) pela sua personalidade invulgar. Debalde supplicou o arcebispo António da Wálinyia à condessa que denunciasse a degeneração reprovável do «santo». Ele soube defender-se destas calúnias.

Estava assim destruído o caminho à órbita imperial. Foi em princípios de 1905, justamente quando se travou a desastrosa guerra com o Japão que provocou sérias repercussões internas na Rússia, que a condessa apresentou o seu favorito na corte, onde se tornou logo amigo íntimo do Czar e de Pedro Nicolaievitch, irmão do comandante em chefe no principio da Grande Guerra. Rasputine havia também lançado raízes na corte imperial.

As seguintes circunstâncias vêm explicar a influência de mesurada que oi, a breve trecho, obteve. O Czar e a Czarina procuravam um homem dotado de qualidades sobrenaturais que pudesse ser um ajudante e um amparo para seu filho, o enfermo czarévich Alexe, e um leal conselheiro e consolador a eles próprios na sua aflição. Parecia, por isso, ser Rasputine o homem indicado. A primeira dama de honor da Imperatriz e sua amiga, Anatólia Virubova, a quem atribuíam relações mais que patinónicas com o monge, fez o possível para que a escolha recaísse sobre ele. Igualmente lidou o padrinho e primeiro conselheiro do Czar, e interessou. Claro está que o Czar como a esposa ignoravam por absoluto a vida lasciva do seu conselheiro espiritual.

O jovem czarévich sofria da hemófila — a terrível doença de sangue — e todos os esforços dos mais famosos especialistas médicos, para curá-lo, foram em vão. A ansia dos pais pela sua saúde, não foi tilica, porém, a elevação a uma tal posição de Rasputine. Não devemos por isso declinar a

(Continua na pág. 12)



A RÚSSIA EM CHAMAS

Vida
MUNDIAL
Mestrada

NA LUTA GIGANTESCA que se trava em terras russas, é vulgar o quadro desolador que a foto desta página nos apresenta. Ao entrarem numa cidade, após violentos combates, os soldados alemães deparam com toda ela transformada num imenso brasero, chamas e ruínas.

panorama internacional

NO EQUILIBRIO

por Francisco Welles

E não fôra o reator de tempestade, que rola sobre as extensões na Rússia, dir-se-ia que a situação geral da política internacional da guerra se conservava ainda em gestação lenta nos últimos oito dias. Só o duelo nipo-americano a excluiu e movimentos. A campanha da Rússia não descalou, no tempo do atacante e da resistência. A batalha da Líbia raspa no terreno pedregoso e adusto de deserto. Churchill denuncia a insustentável necessidade de acelerar os meios para um esforço total e decisivo — que virá no próximo ano e no seguinte!

O ERRO DE TÓQUIO

Quando em 1928 o Conde de Storza redigiu o seu livro sobre a revolução e sempre digno de ler se só sobre o Enigma Chi-nês, o Japão acabava de retirar os seus fins do ano precedente, as tropas que na primavera mandara desembarcar no Cheung. Uma política de expansão continua da sua economia industrial ditava com bom senso e aguda previsão a regra que se tornara axioma: — os bons clientes não se faziam. E o seu cliente número um era a China.

O japonês sabia por experiência própria que o derramamento silencioso, tenaz e paciente do chinês é tão irresistível como o atagar das grandes cheias. E os seus mais avisados estadistas proclamavam que não deviam expulsar o chinês mas contar com ele e fazer-se aceitar por ele. Naquele tempo, há catoreze anos, o lucidíssimo diplomata italiano já escrevia: «A ideia duma extensão de territórios, que aliás só pode ser concebida em consequência duma guerra, excita sem dúvida alguma os velhos espíritos nacionalistas do Japão, mas não seria uma solução prática. Os nacionalistas mais exaltados, sabem-o, quanto o não confessem. Julgam eles que as guerras bastariam para afastar, com a intoxicação que tal aventura comporta, os perigos internos que se começam a entrever. Mas a experiência da Coreia e da Manchúria demonstraram bastante que por tal via não se topariam saídas para as novas gerações».

Desde essa época a política japonesa, como sempre, obedeceu às influências dos grupos externos, através dos partidos, chegando às altas temperaturas revolucionárias dos golpes de Estado e dos assassinios políticos em série. O partido militar conseguiu assim um ascendente de tal altura que, aproveitando por um lado as necessidades

da superpopulação, e por outra — da expansão dos produtos da indústria nacional, determinou a guerra da China. Quando esta se tornou sorvedouro de vidas e despesas, a sanidade do militarismo nipônico criou a coalizão com a política do «Eixo», esquecendo-se de que assim afastava de si os seus fornecedores em matérias primas essenciais quer à guerra quer à indústria e ao consumo. *Inde irae*. Daqui o desastre.

LINHAS SINUOSAS

A partir de então, a política nipônica oscilou constantemente num equilíbrio. Os industriais exigem negociações até um limite pacífico em que os Estados Unidos, a Inglaterra e as Índias Holandesas transjam nos fornecimentos, e o exército e a chancelaria deram lides o apoio das pressões militares e da maleabilidade diplomática.

A transação, via Berlim, que levou Vichy a abrir a Tóquio as bases da Indochina, iniciou, com assaltos aos setérrimos nas cidades chinesas a parte de acção militar. As negociações em Washington estão no outro polo deste jogo arriscado. O cêro das ameaças diplomáticas e da maleabilidade discursadas faz o ambiente sonoro a semelhante política. O Japão não contou, porém, com a energia dos Aliados, que ao mesmo tempo que cultivavam dentro de si as influências moderadas — a queda de Matsuoka é consequência disso — afrontavam com um bloqueio cerrado os desafios japoneses.

As negociações recomçadas em Washington, interrompidas em meados de Novembro, reataram-se logo depois dos Estados Unidos exigirem explicações da concentração crescente de tropas na Indochina.

A 27, Nomura continuava a tocar no bordão da paz. «Nós apoiamos fortemente a paz». Em Singapura a 28, falava-se da invasão do Sião (cujo governo acaba de publicar um interessante documentário historiando as agressões que em sofrido da França) por meio do milhio de nipo, nesse mesmo dia accentuava-se pessimismo geral em Washington. A própria agência officiosa nipônica dizia que as conversações se aproximavam do fim. De facto, os Estados Unidos insistiam por que o Japão retrahisse da Indochina se realmente queria receber matérias primas, e o *Battimere Sur*, prevendo o pior, aconselhava o novo americano a preparar-se para a guerra.

A 29, o presidente Tojo, aproveitando o aniversário do pacto com o «Eixo» reclamava a expulsão dos anglo saxões do Oriente. Esta obscuridade que passava do comum, obrigou Roosevelt a fechar apressadamente as suas férias. Uma

esquadra poderosa japonesa rondava nos mares das Filipinas. A Inglaterra (agora aliada pelos Estados Unidos) reforçou logo de fortes unidades navais as bases de Singapura e pôs outra grande massa de unidades a sulcar aqueles mares. Tóquio, a 30, não respondeu à nota de Cordell Hull. Mas o presidente continuava a bramar: «Vamos libertar-nos das algemas!» E apontava nas nações as exploradoras dos povos orientais, enquanto se espalhava a notícia, aliás nada surpreendente, de que o Japão desceria a ocupar por assalto parte duma ilha do arquipélago malaio para depois tentar assaltar Bornéu e os petróleos. Um na Indochina, outro nas Filipinas, os adversários mediam-se.

Então... outra vez o almirante Nomura voltou às falas mansas e Kurusu afirmou ser de boa política salvar a situação. Que se passara?

O ÚLTIMO TRANSE

Roosevelt explicou o aos representantes da Imprensa no dia 2 da Casa Branca. «Dei as minhas instruções a Sumner Welles, no sentido de pregar aos embaixadores japoneses Kurusu e Nomura por que motivo enviou o Japão para a Indochina tão grande número de forças terrestres, aéreas e navais, e ainda por que motivo assinou, há meses, com o governo de Vichy, o tratado que ainda está na memória de todos».

E acrescentou esperar receber em breve uma resposta, por parte do Japão, «se bem que, disse, não tivesse sido fixado limite de tempo para essa resposta, e esclareceu que as conversações, com os representantes nipônicos, se encontravam já um tanto adiantadas, quando se recebeu a notícia de que o Japão estava aumentando os seus contingentes militares, aéreos e navais na Indochina francesa».

A alusão a Vichy (o que, certamente, teve repercussões nas conferências de Goering com Pétain, destinadas a fechar a colaboração franco alemã nas colónias) deixou a clara uma manobra oculta e traço-fofo. E de Hanoi o general Doucou veio tentar minorar os choques de revelação, com o subterfúgio de que as tropas nipônicas estavam na Indochina dentro dos limites do contrato — o que não explicava coisa alguma.

A situação escurrecia a olhos vistos. Debalde o ministro japonês em Bangkok levava meios termos de sermenamento ao governo siamês. Tudo continuava no mesmo pé. Os Estados Unidos declaravam-se prontos a chegar a acôrdo desde que o Japão se compromettesse: 1.º — a manter a neutralidade em lódas as Circunscritas; 2.º — a abolir a ameaça que faz pesar sobre as Índias Orientais Holandesas e Singapura; 3.º — não desmanchar o

equilíbrio das potências no Pacífico, estabelecendo a dominação nipônica na China; 4.º — dar garantias sólidas da execução dos seus compromissos. Isto como programa mínimo, em troca do qual os Estados Unidos recomçariam gradualmente a fornecer as matérias primas indispensáveis. O Japão, pelo seu lado, desejava chegar a acôrdo, dando como condição essencial o levantamento das sanções económicas.

No dia 3, Cordell Hull, na conferência que teve com os jornalistas, informava que o governo americano aguardava a todo o momento resposta do Japão, à consulta que lhe fora dirigida por Roosevelt. Considera-se indispensável, para o bom êxito das negociações, a retirada de forças nipônicas da Indochina, que excedam o quantitativo de 25.000 homens, por ter sido este o número estabelecido por acôrdo entre os governos de Vichy e de Tóquio.

Darlan e Laval ficaram de novo em falso, como sempre. As negociações consideravam-se praticamente terminadas. O bambô japonês demituiu o seu ângulo de oscilação... Era a guerra?

Foi, realmente, a guerra. A 7, de madrugada, começavam os ataques japoneses às ilhas do Pacífico.

S. O. S.

A decisão do presidente Roosevelt considera o, algo eufemisticamente, «a defesa da Turquia vital para a defesa dos Estados Unidos e ordenando que fosse fornecido à Turquia o que ela

necessita, tão depressa quanto possível, foi logo explicada como um reforço às forças britânicas do Próximo Oriente, e «por os actuais acontecimentos mostram que a Turquia é uma passagem importante para as regiões petrolíferas dessa enorme região».

Num interessantíssimo artigo que li traduzido no *Espejo de Berlim*, o contra almirante alemão Lützow, depois de salientar a importância estratégica do Mar Negro, escrevia: «Este facto (o poderio naval russo nesse mar interior) revela-nos a enorme importância do triunfo alemão na campanha grega provocada pela Getálica. É a primeira comunicação entre a frota britânica do Mediterrâneo e a soviética do Mar Negro significaria para o Reich um considerável aumento dos efeitos do bloqueio, e seria deixado aberto um caminho para o auxílio à União Soviética, e constituiria, de-certo, um obstáculo difícil vencer para o nosso avanço na Ucrânia ao Mar Negro. Não pode expôr-se com mais justiça o problema, em meio do qual a Turquia aparece em pleno fôco».

De facto, se por um lado, como

(Continua na pag. 16)



MATSUOKA



TOJO



CORDELL HULL



ROOSEVELT



patrulhas inglesas no MAR do NORTE



TODAS AS MANHÃS, esteja o mar bom ou mau, saem dos portos da costa oriental inglesa as flotilhas de traineiras que se espalham pelo Mar do Norte. Que tarefa terão estes barquinhos a cumprir todos os dias? Se olharmos bem, veremos que cada um destes pequenos barcos vai equipado com uma peça à grã e uma metralhadora anti-aérea. São as patrulhas da costa e os caça-minas que partem para a sua perigosa missão. Um dia inteiro vão ficar entregues ao seu destino. Dão informações sobre os movimentos das forças navais inimigas, a presença de submarinos e a localização das minas. E um trabalho extenuante. Mas evita muitas situações e providencia pela segurança dos «combates» ingleses. Quando as traineiras conseguem encontrar uma mina, comunicam logo para terra e uma flotilha de pequenos barcos de fundo chato seguem logo para o local indicado, em busca de mais minas nas proximidades. Os barcos de fundo chato, como é óbvio, correm menos perigo de fazerem explodir uma mina sua, ao mesmo tempo, não podem andar em busca delas, ao acaso, por não aguentarem o mar. Depois de três dias de faina, as traineiras regressam às suas bases onde, durante um dia, descansam as tripulações e se abastecem para um novo período de actividade.

(Fotos «Britanava»)



POR FELIZ INICIATIVA DO SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS, e cuja comissão administrativa preside Luis Teixeira, comemorou-se agora, com muito brilhantismo, o tricentenário da «Gazeta», dita da Restauração — o primeiro jornal português. As comemorações que se realizaram a paragem daquela data tiveram um acentuado cunho cultural e consistiram em conferências, exposições, sessões solenes e edição de várias obras e números comemorativos, certidões de que damos nestas páginas alguns aspectos gráficos.

DE CIMA PARA BAIXO: Um aspecto da inauguração, no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, da Exposição denominada «Rafael Bordalo Pinheiro e os jornalistas». Na foto, vêem-se os srz. presidente da Câmara Municipal e dr. Jaime Lopes Dias. — Grupo de ordinas vestidos à maneira do século XVIII, vendendo na rua a «Gazeta». — Um aspecto da sessão solene comemorativa do tricentenário do primeiro periódico português. Na foto, vê-se o sr. dr. Alívado da Cunha, acadêmico, escritor e antigo jornalista, presidente da Comissão Executiva das Comemorações, fazendo a sua conferência. — Assistentes à inauguração, na Biblioteca Nacional de Lisboa, da exposição da imprensa periódica portuguesa de 1641 e 1841 e de jornais e outras publicações jornalísticas existentes actualmente no País.



O 3.^o centenário do primeiro periódico português



EM CIMA: Um aspecto da exposição comemorativa no âmbito do «Diário de Notícias». AO CENTRO: Um dos quadros da exposição retrospectiva aberta no Salão de Festas de «O Século» à ex. João Pereira da Rosa e Matos Sequeira recebendo os convidados, no dia da inauguração do certame. À DIREITA: Um aspecto da exposição no Sindicato Nacional dos Tipógrafos, vendo-se os membros da comissão administrativa daquele S. N. com alguns sócios do Grupo «Amigos de Lisboa» que ali foram de visita





O TRICENTENÁRIO DO PRIMEIRO PERIÓDICO PORTUGUÊS foi comemorado também pela Câmara Municipal de Lisboa com o desceramento duma lápida que o Município mandou colocar no prédio n.º 23 da rua dos Aljubeiros, actual rua de S. Julião, 140, onde teve a sua sede o mais antigo diário do continente — o «Jornal do Comércio», ainda em publicação.



EM CIMA: Dois aspectos da cerimónia na rua de S. Julião, vendo-se a discursar o sr. Denis Bordalo Pinheiro, ilustre director do «Jornal do Comércio». A esquerda: A mesa que presidiu ao desceramento da lápida comemorativa no prédio n.º 8 da rua Nova da Trindade, onde teve a sua primeira sede a «Revista Militar» — a mais antiga revista de Portugal, ainda em publicação.



O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA com os membros da Comissão Administrativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas e os mais antigos profissionais da imprensa que foram condecorados com a Ordem de Cristo.



HISTÓRIA DA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo II * A campanha na Polónia

3

A PARTILHA DA POLÓNIA

DESDE que as tropas soviéticas entraram em território polaco até a rendição de Varsóvia pode dizer-se que a marcha das operações militares não tem história. Com o governo em fuga e um exército batido, apertado na gigantesca tenaz germano-russa, a Polónia aguardou, com as suas principais cidades destruídas, que os vencedores ditassem, para

a história, as condições em que seria feita, pela quarta vez, a sua partilha.

Foi no dia 17 de Setembro que o vice-comissário do povo para os negócios estrangeiros, Potemkine, mandou chamar ao seu gabinete do Kremlin, o embaixador polaco, Gzybowski para lhe entregar uma nota em que anunciava o propósito do governo soviético de liquidar rapidamente, pela força, o caso polaco.

«A guerra germano-polaco — dizia o documento entregue por Potemkine — pôs em evidência a incapacidade do Estado polaco. Ao fim de dezasete dias de operações, a Polónia perdeu todas as suas zonas industriais e centros culturais. Varsóvia deixou de existir como capital. O governo desagregou-se e não dá sinal de vida. Isto significa que o Estado polaco deixou de existir. Abandonada a si própria, sem chefes, a Polónia transformou-se num campo aberto a todas as surpresas. Essas surpresas podem criar para a U. R. S. S. uma situação perigosa. Por isso o governo soviético que até agora

se manteve neutral não pode continuar nessa atitude de neutralidade. Também não pode permanecer impassível perante a situação das sacrianas e russos brancos, com quem tem afinidades de raça e que, presentemente, se encontram sem protecção. Em face destes acontecimentos o exército vermelho recebeu ordem para atravessar a fronteira das 4 horas da madrugada de hoje (uma hora após a entrega da nota) tomando sob a sua protecção as vidas e os haveres das populações da Ucrânia ocidental e da Rússia branca. Ao mesmo tempo serão adoptadas todas as providências para libertar o povo polaco dos horrores duma guerra em que o lançaram os seus dirigentes.»

O embaixador polaco recusou-se a receber a nota diplomática que Potemkine pretendia entregar-lhe e protestou, energicamente, contra o seu conteúdo. Pediu na mesma ocasião que o fêle e ao pessoal da embaixada fossem dadas facilidades para abandonar o, mais rapidamente possível, o território russo. A hora indicada na nota de Potemkine, o exército vermelho atravessava a fronteira polaca.

Coincidindo com a entrada do exército vermelho em território polaco, o presidente da República da Polónia, Moscicki, e o governo, abandonaram Kuty e refugiaram-se na Roménia.

Em 18 de Setembro, as tropas russas ocuparam Vilna, cidade que durante vinte anos fôra um centro de divergência constantes entre a Polónia e a Lituânia. Nesse mesmo dia entraram em contacto com os alemães em Brest-Litovsk.

A 19, prossequindo na sua marcha, que não deparou com qualquer resistência, alcançaram Lvov (Lemberg) enquanto a batalha de Gdynia se liquidava com a occupação deste pórtio pelas alemães. Em 20, os russos occuparam, successivamente, Grodno e Yovel. Os alemães chegaram a Lvov, mas a cidade ficou na posse das tropas sovieticas. Estes atingiram, em 21, a região de Toriak. Feita a ligação das tropas invasoras e barrado o caminho da Roménia, único refugio que podiam alcançar, os polacos depositaram as armas, ficando apenas, durante poucos dias, a vibrar os focos de resistência isolados de Modlin e Varsóvia, sobretudo este último que lêz frente aos atacantes até ao dia 29.

A FRONTEIRA COMUM GERMANO-RUSSA

Russos e alemães estavam, assim, em condições de regular entre si a nova partilha da Polónia. O presidente Moscicki e o governo demittiram-se, constituindo-se em Paris um governo polaco que, presidido pelo general Sikorski, se collocou sob a autoridade dum novo chefe do Estado, o professor Rakiewicz.

No dia 27, o ministro dos estrangeiros do Reich partiu de avião para Moscovo, a fim de concluir com o seu colega russo o tratado de delimitação das novas fronteiras da Polónia. Esse tratado, que tem a data do dia seguinte (28), dizia no seu artigo 1.º que os governos alemão e russo acordavam no tratado da seguinte linha de demarcação que passava a dividir os seus respectivos territórios começando na extremidade sul da Lituânia, seguia, na direcção do occidente, desde o norte de Augustow até à antiga fronteira do Reich, seguindo esta até ao curso do Pira; do curso deste rio, seguia até Ostrolenka, corria ao longo do curso do Bug, incliava ao norte de Buska em direcção ao Somo e terminava, ao longo deste, na sua nascente. Praticamente, dois terços do território polaco passaram para a posse do Reich, que immediatamente lá instituiu uma administração própria, ficando o tempo restante na posse dos sovietes. O Reich recuperou os regiões que antes da guerra de 1914 laziam parte do Império alemão e passou a occupar as



Artilharia alemã, avançando em território polaco, atravessa uma ponte improvisada pelos pontoneiros do exército do Reich.



Os oficiais russos e alemães após a conferência de demarcação das fronteiras em Brest-Litovsk

terras puramente polacas que marginau o Vistula. A U. R. S. S. ficou com as zonas habitadas por ucranianos e russos brancos. Sob o ponto de vista económico, os alemães passaram a ter à sua disposição os recursos da Polónia em carvão, ferro e as instalações industriais do sudoeste polaco; os russos apropriaram-se dos campos petrolíferos do sudoeste e das riquíssimas florestas da Polónia oriental. A linha fronteiriça era, com pequenas excepções, a que Lord Curzon propusera em 1918 na Conferência dos Embaixadores e que a Polónia, criada pelos tratados de paz, nunca quis reconhecer. A linha Curzon fôra concebida em obediência ao princípio do respeito pelo origem étnica das populações. Da população polaca, mais de vinte milhões de habitantes passava para o domínio alemão. Este número incluía os polacos presos, os quais constituíam a sua maior parte, e cerca dum milhão de indivíduos pertencentes à minoria alemã que os tratados de paz tinham deixado ficar incorporados no território da Polónia reconstituída vinte anos antes.

O artigo 2º do acordo germano-russo dizia que os dois países, reconhecendo o traçado da nova fronteira, consideravam esta definitiva, não consentindo no assunto a intervenção de terceiros potências. As medidas de restauração política e de reorganização económica levavam a cargo de cada uma das potências ocupantes nas zonas que cabiam à sua jurisdição. Por último (art. 3º) os dois governos afirmavam que o acordo era mais uma prova e mais um fundamento para continuarem a sua política de colaboração.

Esta colaboração foi ainda realizada numa nota que o Reich e a U. R. S. S. em comum, dirigiram aos restantes países da Europa propondo-lhes a paz: «O governo do Reich e o governo da União Soviética, tendo regulado definitivamente, por um acordo, as questões postas pelo desapparecimento do Estado polaco, criaram uma base segura para uma paz durável na Europa oriental. Exprimem, por isso, a opinião comum de que, para corresponder aos verdadeiros interesses de todas as nações, se deveria pôr termo ao estado de guerra existente entre a Alemanha, dum lado, e a França e a Inglaterra, do outro». Russos e alemães afirmavam, pela voz de Molotov e Ribbentrop, o seu propósito de evidenciarem todos os esforços para chegarem a êsse resultado, mas desde logo responsabilizaram as nações ocidentais pelo prosseguimento da luta, no caso de êsses esforços se malograssem.

A diplomacia germano-russa, como os exércitos das duas potências, trabalhavam em comum, perante a passividade de Londres e Paris. Mas os objectivos que visavam eram diferentes. A U. R. S. S. pretendia evitar a continuação das hostilidades com a ideia reservada de que, mais cedo ou mais tarde, ella se traduziria por um conflito armado com o Reich; êste, por seu lado, queria, pela acção incondicional da sua vitória militar na Polónia, descreditar irremediavelmente a França e a Inglaterra, levantando êsta, perante a limitação dum mal maior, a acção com base a situação criada.

Mas, de momento, os seus esforços conjungiam-se, a fim-de obterem um resultado que aproveitava a Alemanha. Tanto em Berlim como em Moscova, conversavam com as divisões realmente existentes na opinião pública franceza e britânica. Na Grã-Bretanha, o partido do apaziguamento delinha altas vallores

porções. Na França, o partido do compromisso occupava ainda alguns dos mais altos postos na direcção do Estado.

CONSEQUÊNCIAS MILITARES E POLITICAS DA DERROTA POLACA

As consequências militares e politicas da derrota rápida da Polónia foram incalculáveis. Sob o ponto de vista militar, essa derrota salvava-se com o desapparecimento do único exercito regular que, depois do exercito checo-eslovaco, se encontrava em condições de opor uma resistência apreciável a poderosa maquina militar do Reich. Depois da Checo-Eslôvacia, as nações occidentais perdiam o último cidade em condições de lhes prestar um auxilio sério na luta em que se tinham envolvido. O estado maior alemão ficava, de momento, liberado do seu pesadelo mais grave: ter de se bater em duas frentes simultaneamente.

As guerras preparadas por Bismarck, as quais tiveram o seu epílogo na constituição do Império alemão sob o ceptro dos Hohenzollern, foram conduzidas isoladamente contra a Dinamarca, a Austria e a França. O génio de estadista alemão conseguia realizar as condições prévias em que se baseavam as vitórias do seu país. Quando da configuração mundial de 1914-18, a diplomacia imperial não pôde repetir as realizações precedentes do Chanceler de ferro. A Alemanha bateu-se, simultaneamente, em duas frentes e foi essa a causa inicial da sua derrota ao fim de quatro anos de combates.

Em 1939, a preparação da guerra regressou aos moldes bismarckianos. O acordo, inseparado com a Rússia Soviética deixou «no ar» uma Polónia mal preparada e dividida. Não conseguindo firmar o accordo que tiveram em vista com a U. R. S. S., a França e a Inglaterra estavam, de antemão, condenadas a suportar todo o peso da offensiva alemã quando esta viesse a desencadear-se.

As tropas de occupação deixadas na Polónia, mesmo somadas com as que já occupavam a Checo-Eslôvacia, não afectavam, de maneira sensivel, o potencial militar do Reich. Tratava-se de duas nações desarmadas, onde era natural que viessem a registar-se episodios isolados ou atentados pessoais, significativos do descontentamento da população, mas onde não restava qualquer resistência organizada em condições de preoccupar os occupantes. Com a posse de Checo-Eslôvacia e da Polónia, os recursos em matérias primas e em mão de obra indispensaveis para a continuação da guerra aumentavam em proporções apreciáveis.

As perdas sofridas pelo exercito alemão tambem não afectaram sensivelmente o total dos seus efectivos. Os números oficialmente apresentados em Berlim foram os seguintes: 10.372 soldados e officiaes caídos no campo da honra, 30.322 feridos e 3.409 desaparecidos. As informações de origem polaca avaliavam o número de mortos alemães em 15.000 e o dos feridos e desaparecidos em 150.000. Quanto ao número de mortos, as cifras do dois lados approximam-se de maneira sensivel, podendo calcular-se em 12.000 o número de mortos alemães. Como houve uma recuperação quozte dos feridos, verifica-se que o exército da Polónia não modificou, quanto aos efectivos empenhados, o potencial com que a Alemanha entrou na luta.

Do lado russo não houve quaisquer perdas. O exercito russo, limitou-se a fazer uma combinhada através do território polaco, estabelecendo o regime dos sovietes nas localidades que ia occupando. As perdas dos polacos foram severas, tanto em militares como em civis. A população sofreu pesadas baixas com os bombardeamentos aéreos que transformaram algumas das suas cidades em montões de escombros fumegantes.

O PROJECTO DE CONSTITUCÃO DUM NOVO ESTADO POLACO

As consequências de ordem politica eram incomparavelmente mais importantes; consequências de ordem local e consequências de ordem geral que não tardaram a fazer-se sentir na condução geral da guerra.

O Reich e a U. R. S. S. voltavam a ter uma fronteira comum. Causa de satiação imediata, nos dois países; causa de atritos distantes entre êles. Sempre que chegaram a accordo para dividir entre si a Polónia, russos e alemães criaram o germe de dissídios futuros. O contacto territorial germano-soviético voltou a estabelecer-se no Prásist Oriental, à volta de Tomaszberg. E ésta nome, cheio de recordações que não andavam muito distantes, nada dizia de bom.

Os dirigentes de Berlim e de Moscova não alimentavam, no fundo do seu pensamento, grandes idéas a êsse respeito. Por isso, o pensamento immediato dos primeiros foi o de constituir um Estado tampão com uma parte da população tipicamente polaca, destinada, pela sua própria flutuação, a evitar complicações, a prazo mais ou menos longo. Discutindo no Reichstag, para evocar os principiaes episodios da luta e para delinear as condições politicas que desejava ver realizadas, o chanceler do Reich afirmou: «Deve constituir-se no futuro um pequeno Estado polaco, reduzido aos seus limites étnicos razoáveis que não possa constituir mais um perigo ou uma ameaça, nem para o Reich nem para a U. R. S. S.»

Que a constituição desse Estado chegou a ser encarada não há dúvida, visto que o regime de occupação na Polónia se modificou com o decurso do tempo e com as vicissitudes do conflicto.

O marechal Goering, discursando, na mesma altura, perante os operários das fábricas de Berlim, aventurava que a propaganda dos inimigos do seu país queria fazer acreditar que o Reich naciona-socialista procurava a realização dum sonho inenunciado de dominação universal. «A Alemanha, declarou o marechal, pretende apenas a reparação das injustiças de Versailles. Apocua a Polónia para libertar os membros da minoria alemã que os tratados incorporaram no território polaco. O nosso fim consista apenas em trazer, de novo, êsses alemães para o Reich». Estas vistas autorizadas revelavam a existência dum plano de realidades que, ao mesmo tempo que procurava tranquilizar os seus



O chanceler alemão durante uma visita à frente da Polónia



Bismarck, o estadista que constituiu o Império alemão, sob o ceptro dos Hohenzollern

vitórias mais fortes, correspondia aos interesses reais do Reich.

A U. R. S. S., GRANDE BENEFICIÁRIA DA CAMPANHA DA POLÓNIA

Mas os factos não podiam illudi-se, nem diminuir-se a sua gravidade. Os chefes políticos e militares do Reich sabiam que o esmagamento da Polónia trazia para o círculo europeu a Rússia, que ées tanto se tinham esforçado por afastar. A concepção de Munich, que representava para os aliados uma tréguia antes de se travar o duelo decisivo com a Alemanha, passava a ter para éste país o mesmo significado profundo. A sombra gigantesca da U. R. S. S. ia projectar-se immediatamente sobre o território alemão e sobre os seus interesses mais directos.

O Estado soviético adelantava as suas fronteiras. Os Estados bálticos eram os primeiros a sentir essa realidade nova. Até ao dia 18 de Outubro, os delegados da Estónia, Letónia, Lituânia, e da Polónia, Urby, visitaram a capital soviética para assinar, com o commissário do povo para os negócios estrangeiros, Molotov, pactos de amizade e assistência mútua, que representavam o primeiro passo para o predomínio total da U. R. S. S. nesses países. Esses pactos eram idénticos e incluíam todos os mesmos pontos: assistência militar reciproca, auxilio material aos exércitos dos países bálticos, instalação de guarnições soviéticas em determinados pontos estratégicos do seu território. No caso especial da Lituânia, a U. R. S. S. cedeu-lhe, em testemunho da excelência das relações que passaram a estabelecer-se, a disputa da cidade de Viena. Esta circunstância tornou o accordo russo-

lituano aceitável para o povo da Lituânia e proseguiu na sua capital, Kaunas, demonstrações de regozijo popular.

A Rússia, graças ao seu accordo com o Reich e á politica seguida em Berlim, saiu do fundo do golfo da Finlândia, para onde fóra lançada pelos tratados de paz de 1919. A fresta de Leningrado, criada por Pedro o Grande, transformava-se numa larga janela esvaziada sobre o Báltico. A situação naval e aérea neste mar interior soffia, assim, uma transformação radical em que a Alemanha apparecia como parte visivelmente prejudicada. Os exércitos soviéticos avançavam as seus quartelamentos até uma distancia minima da antiga capital polaca. Colocados a cem quilómetros de Varsóvia, podiam encetar, com tranquillidade, a hipótese sempre provável duma collocação com as forças armadas do Reich cujo poder e cuja organização tiveram occasião de apreciar durante as conversações em que appareceram associados officiaes russos e alemães.

Mais para o sul, a Rússia instalava-se na Galicia central, rict em jazigos petrolíferos, estabelecia um contacto relativamente largo com a Eslováquia e, ao fim de onze séculos, restabelecia a sua fronteira tradicional com a Hungria. As communicações directas entre a Reich e a Roménia ficavam interrompidas por uma faixa de território soviético. Ao longo das gargantas dos Carpátos, que passava a dominar, a U. R. S. S. podia um dia reivindicar a posse da via de acesso mais preciosa para a Europa Central: o Damábio Do Mar Negro ao Mar Báltico, a poltrona soviética estabelecia-se.

A partilha e a occupação da Polónia tornava-se, assim, a origem e a causa de novas lutas. Depois de occupar a Estónia, a Letónia e a Lituânia, a Finlândia apparecia como um objectivo naturalmente designado das reivindicações russas, ao sul a Besarabia e a Bukovina ficavam ao alcance da sua artilheria e dos seus agentes. A construção que o Reich pacientemente construira, por meio de negociações ou por meio de guerra, estava ameaçada antes mesmo de se ter completado.



O marechal Goering que afirmou em 1939 não ter o Reich «um sonho de dominação universal»

A occupação dos territórios romenos, a campanha da Finlândia, no inverno de 1939, e a guerra germano-russa desencadeada no verão de 1941, encontram a sua explicação fundamental na partilha do território polaco. Longe de aproveitar as que a realizaram, elle constituiu o motivo determinante da provação mais grave que os exércitos do Reich vieram a suportar ao fim de ano e meio.

(Continua)

(Reprodução, mesmo parcial, rigorosamente prohibida.)



Potemkin, vice-commissário do povo para os Negócios Estrangeiros, que communicou ao embaixador polaco a invasão do seu país pelas tropas soviéticas



No próximo número: 3.º Capítulo — ADVERSARIOS QUE SE ESPREITAM

Gregor Rasputine (continuação da segunda página)

hipótese de que o monge, electivamente, possuia o dom de suggestir ou hypnotizar.

Seja como fór, Gregor era, antes de tudo, um grande especialista da operacão immediatamente do ponto franco da ezarina, que era o seu desespero, dizendo-lhe: «As minhas crianças pertencemto, daqui em diante, a ti e ao teu filho. A minha vida, a minha alma, a minha redempção devotam-se a ti e ao teu filho. Acredita em mim. Será a primeira palavra de criança. Não-de caluniar-me, não-de dizer mal de mim, sim, até não-de querer matar-me. Uma vez deste revólver que, de hoje em diante, a minha vida estará ligada á do príncipe. Seis semanas após a minha morte, a vida do czarévich correrá um grande perigo, o Império estará á beira do abismo em que pouco depois se precipitará, amantando consigo toda a sinistra proleção do «amto» e jurou por o destino do seu filho e o seu nos mãos d'ele.

E — como estranho — logo após o aparecimento de Rasputine melhorou o estado de saúde do príncipe herdeiro. Encusamos dizer que, consequentemente, o respeito por Rasputine aumentou imensamente. Á czarina couvou-o a estar sempre próximo dela, para poder socorrer o filho em caso de emergência. De resto, o monge era sufficientemente prudente para não macar demais, a fim-de não suscitar a desconfiança e a inveja doutros. Só vinha quando

o chamavam e mesmo então com relucência simulada, para provar assim a sua absoluta inabutilidade. Apareceu magistralmente o seu papel dramático. Viveu — O simples e ingenuo «mulh», sobre o qual parecia pairar a auréola resplandecente duma força mistica, revestiu-se duma elegância cortada á medida. Aparecia agora numa blusa russa de seda cinzenta, bordada a fio de prata, cingida duma cinta com botões de esmeralda do melhor tecido e alizate e as botas brilhante. O cabelo ondulado e bem penteado, a barba comprida, perfeitamente á moda.

Durante anos e anos, Rasputine conservou-se na sua posição de «príncipe» do czarévitch e conselheiro e consolador da mãe.

No primeiro tempo, abusou da sua influencia para seu próprio proveito. Estavaquillo dinheiro, muito dinheiro, de fornecedores, aspirantes, concubinos, condenados, para lhes valer junto das Majestades. O negocio dava bom rendimento. Pôde permitirse adquirir um palacete de lidalço. O capital logo se accumulava, emprestava-o a juros, cuidava animo, do futuro. A par disso, não afrouxava nos seus vícios, bebia incommensuravelmente, e entreinha relações amorosas que melindravam os circulos mais nobres. Porém, nunca vinha bebado á corte, e sabia justificar os boatos sobre a sua vida desentredada como colônias e excessos de inveja.

Quando, em 1911, um deputado interpelou o primeiro ministro acerca do comportamento amoral e escandaloso de Rasputine, o governo fez orelhas moucas, o assunto esqueceu-se, e a posição do conselheiro espiritual permeceu intacta e indabalável.

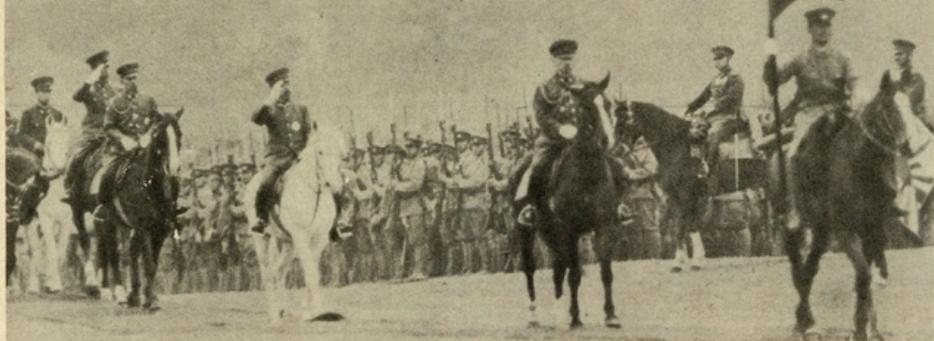
Depois de obter o domínio completo sobre a Imperatriz, era para Rasputine uma bagatella submeter o Czar á sua influencia, especialmente, porque o carácter débil e inconstante de Nicolau II, inapto para governar, sempre disposto a transigrir a esta ou aquella insinuação, favorecia tal tarefa.

Novo anos rodaram. E Rasputine tornou-se o conselheiro indispensavel do Senhor de Todas as Rússias. A confiança que o Czar depositava nele era illimitada.

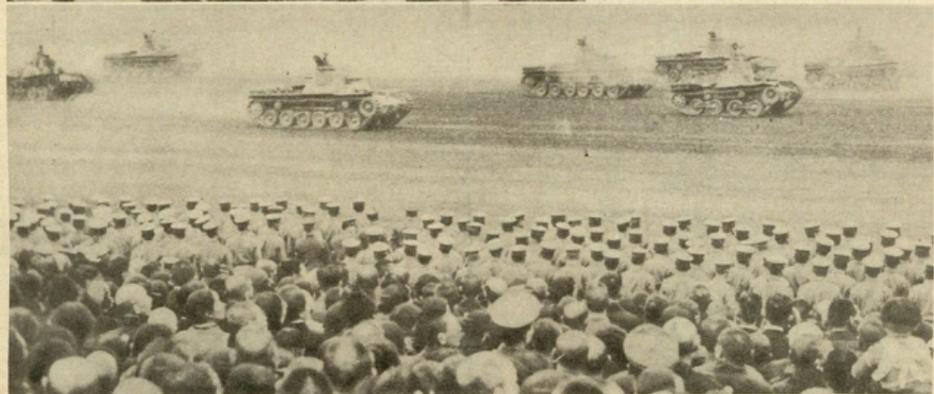
E em 1914, eclodiu a Grande Guerra. Desde o principio da consagração, o Imperador viu-se perante obstáculos insuperáveis e perigos ameaçadores. Recorreu então ao conselho do «Mensageiro do Céu», tornando-se um instrumento automatico, sem vontade própria, nas mãos d'ele. «Não tenho outro amigo e conselheiro sendo éle», exclamava o Czar frequentemente com amargura. «Todos me abandonam, só éle é sábio e me secundará quando fór necessário! Só éle!..»

(Conclue no próximo número)

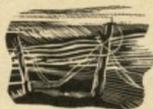
Tropas JAPONESAS em acção



Em cima: O IMPERADOR DO JAPÃO, montado no seu cavalo branco, passa revista às tropas nipónicas durante as últimas manobras militares. Acompanha-o o Estado-Maior japonês. — Os oficiais militares estrangeiros em Tóquio assistem às manobras, percorrendo, a cavalo, o campo em que elas se desenrolam. — À esquerda, o desfile de infantaria japonesa. — Em baixo, parada de carros de assalto das divisões nipónicas.



SINGAPURA *chave do oriente*



EM CIMA: Esquadrilhas da R. A. F. largando do aeródromo de Singapura para observação dos objectivos inimigos. Este aeródromo foi já, por várias vezes, atacado, sem êxito, pelas forças nipônicas. A esquerda, um aspecto dos bairros centrais da cidade. Em baixo: Tropas britânicas em operações de vigilância na península da Malásia.





O SR. DR. COSTA LÓBO fez recentemente uma interessante conferência na Ordem dos Engenheiros. A foto mostra-nos o ilustre cientista a disserter.



A FEDERAÇÃO DAS SOCIEDADES DE EDUCAÇÃO E RECREIO prestou, em nome da União das colectividades do País suas Federações, homenagem à memória de Júlio Silva, grande propagandista do mutualismo e ardoroso defensor das classes proletárias. A foto mostra-nos um aspecto da sessão solene efectuada

É IA NO PRÓXIMO DIA 25 QUE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA» COMEÇA A PUBLICAR EM FOLHETINS O GRANDE ROMANCE POLICIAL DE MAX FELTON, A ESPERA MISTERIOSA

B.B.C.
A VOZ DE LONDRES
fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Estações	Ondas curtas
12.15	Noticiário	G R Z 13.86 m. (21,64 mc/s) G S O 19.76 m. (15,18 mc/s)
12.30	Actualidades	G R V 24.92 m. (12,04 mc/s)
21.00 (*)	Noticiário	G S C 31.32 m. (9,58 mc/s) G S B 31.55 m. (9,51 mc/s)
21.15 (*)	Actualidades	G R T 41.96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades coveva tambem em ondas medias de 261,1 metros (1.145 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.
A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS
APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drogarias

APYROL

Vida **MUNDIAL** ILUSTRADA

JOSÉ CANDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Intercontinental, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 2 6942.
— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Vida **MUNDIAL** ILUSTRADA

VILA CADEA DA GLORIA

SINFONIA DE ABERTURA

JOAO de Barros, que bem pode considerar-se o lirismo em pessoa, recordava há dias, numa crónica gentil, uma tradição que parece esquecida: o dia da árvore. Na verdade, porque não volta a consagrar-se um dia por ano ao culto da «Léxua verde» — como dizia Junqueiro? — Pensando bem, essa consagração não revestiria apenas o carácter duma verdadeira festa agrícola, mas assumiria o aspecto duma autêntica afirmação cívica e social. A árvore é, de facto, uma das grandes expressões da vida. Foi diante da árvore que o primeiro homem sentiu a frescura da primeira sombra, o aroma do primeiro fruto e o gorgorêo do primeiro ninho. Verdadeira imagem patriarcal da natureza bela e fecunda, cada árvore constitui um autêntico símbolo de paz, de doçura, de ternura, de acolhimento. E, ao mesmo tempo, um chapéu de sol — e um manual de filosofia. Abrigando-nos do calor e das intempérrias, dá-nos simultaneamente a grata resignação para suportarmos as dolorosas contrariedades da existência. E não esqueçamos ainda, ao admirá-la e porventura ao consagrá-la num dia próximo, como pretende João de Barros, que detemos à árvore talvez a mais forte instituição humana: o caceté.

PETIZES

HÁ dias uma pequenita de cinco anos lá com a mãe por um passeio. De repente viu um automóvel a meter gasolina numa bomba automática através do competente tubo de borraça. Logo a petiza, num alvoroço: — Oihé, mãezinha: um automóvel a tomar um quitéz...

SAUDAÇÃO

Alustre médica sr.ª dr.ª Branca Rumina tem uma criada modelo. Há tempos celebrava-se em sua casa uma amena festa familiar. De repente a criada pede licença e exclamou, de copo em punho, perante o assombro de todos: — Irra! Irra! Minhas senhoras!

A BIBLIA

OUTRA da mesma criada. O ano passado foi à terra, uma alcega em plena Beira Alta. Quando voltou, não se cansava em elogios ao prior da freguesia.

Aquilo é que é! O que é ele sabe! Todos os domingos lê as vesículas da Bíblia...

Vesícula, claro, eram os vesículos!

WELLINGTON

O vencedor de Napoleão procurou um dia o grande pintor francês David para que éste lhe fizesse o retrato. Resposta do pintor, convicto patriota: — Não costume fazer retratos — a não ser de grandes homens!

ESPELHOS

O nosso amigo e infatigável noticiário teatral Jaime Graça, ao entrar pela primeira vez no Café Cristal, exclamou, olhando a clientela reproduzida indiscriminadamente nos espelhos do tecto: — Isto com o chão também forrado de espelhos era um Paraíso!

EM BOA HORA O DIGA!



Uma vez, numa das salas de audiência do tribunal da Boa-Hora, respondia um homem acusado, nada mais nada menos, do que de seis ou sete crimes. Pálido, trémulo, nervoso, enfunde num ceçco casaco preto que a luz esverdeava, depois de ter respondido às perguntas formuladas pelo juiz e a que, por lei, era obrigado a responder, delegou a defesa no seu advogado. Inquiriram-se os testemunhas de acusação que fizeram prova plena contra o arguido; as testemunhas de defesa limitaram-se, e ainda assim generosamente, a abençoar o seu bom comportamento anterior; o representante do Ministério Público não foi difícil sustentar o seu libelo; e (a verdade é esta) quando foi dada a palavra ao advogado de defesa todos perguntavam, em silêncio, à sua própria consciência, o que poderia já dizer de concreto em benefício do seu constituinte. A sua oração começou pelos protocolares cumprimentos ao tribunal, logo se seguiu a análise do processo, a apreciação da prova e o retrato moral do réu. A análise do processo não foi longa; a apreciação da prova resumiu-se hábilmente a considerações vagas e, de certo modo, filosóficas; mas o retrato moral do arguido foi traçado com tão generosa eloquência, com tão magnânima sinceridade e com tão profunda convicção, que, aos olhos de muita gente, aquele homem, contra quem se fizera uma prova plena, princípio o surgir transformado não apenas num pobre inocente, mas numa autêntica vítima da Justiça. Em muitas lacras vibrou-se lágrimas. Os jurados já abençoavam misericordiosamente a cabeça. O próprio Ministério Público caiu em meditação. Quando o advogado terminou o seu discurso, e o presidente perguntou ao acusado se tinha mais alguma coisa que alegar em sua defesa, o homem levantou-se e murmurou, entre lágrimas, apontando o seu paterno: — O tribunal deve absolvê-lo. Depois do que disse o meu advogado eu próprio fiquei inteiramente convencido da minha inocência... Há epítetos que valem biografias. Este epíteto retrata, à maravilha, o que vale, como homem do fóro, o dr. Diogo Ribeiro. É uma pintura exacta. Qualquer traço o mais — e lá se iria a pintura!

LEOPOLDO NUNES

Este é o nosso velho amigo (e hoje uma das pessoas mais célebres do concelho de Vila Franca de Xira) foi oferecido recentemente um «garrido de honra».

Éis uma honra que manda ventorais!

SINAL DOS TEMPOS

NAUGUROU-SE recentemente em Lisboa um novo estabelecimento de cintas modelos. Num pequeno prospecto que temos presente, anunciam-se «famosas e luxuosas cintas para vestir, para modular o corpo, para emmagrecer, para banho e, mais, esotílicas, espartilhos para diminuição dos seios, etc...» — elucidando-se a clientela de que são modelos elegantes e especiais para cavalheiros.

Tomai nota, patriotas!

ALELUIA

A FINAL do Coliseu do Pôrto abre, dentro em pouco, mas com uma revista chamada Aleluia. Mas então agora a Aleluia é no Natal? Mas quando haverá ordem e lógica no nosso teatro? Quando?

PALMIRA BASTOS E AMARANTE

ESTES dois conhecidos e aplaudidos artistas subiam, há pouco, o Chiado conversando amigavelmente. Amarante vestia, sobre o jaquetão, uma samarra castanho-escura.

Alguém comentou ao vê-lo assim vestido: — Deve ser uma samarra dos «bons tempos, meu patrião»...

Logo outro ripostou: — Estás enganado. Agora é que é muita samarra — e pouca avia...

TOMAZ DEÇA LEAL

O autor dos Amorosos representa um dos últimos abencerrages da galanteria. Há dias uma senhora perguntou-lhe: — Que horas serão?

Imediatamente Deça Leal, numa medida: — As que V. Ex.ª quiser...

DRAMATURGOS

UM dramaturgo pouco venturoso lisonjeiro.

— Então a tua nova peça? — pergunta o crítico.

— Já está entregue — responde o dramaturgo.

— É quantos actos tem?

— Um.

— Não será muito?

O PRIMEIRO JORNAL

A propósito do tri-centenário do primeiro jornal português perguntava ontem alguém, à porta da Bertrand, qual teria sido o primeiro jornal que houve no mundo.

É fácil. A Folha de Parra.

Pinheiro Oliveira e Soares



O SR. DR. ARMINDO MONTEIRO, embaixador de Portugal em Londres, presidindo à sessão de recepção às individualidades que constituiram a missão da "Moçada Portuguesa" em Londres. (Fotos «Britannica»).

Panorama internacional

AO ESCORRO DA AMPULHETA

Por FRANCISCO VELLOSO (Continuação da pág. 4)

Já explicámos, fica sempre possível a tentativa alemã pela margem sul do Mar Negro sobre o Cáucaso, não é menos certo o risco da passagem do Bóforo. Quer num caso quer noutro, o assalto aos Estreitos é golpe essencial.

Contra opiniões correntes, e baseadas nos correspondentes norte-americanos e em relatos da imprensa turca, salientámos aqui por mais de uma vez a ocupação militar alemã na Bulgária, volvida em campo entrincheirado, e na Trácia.

Ora, o Times em informação de Istambul refere-se já ao trabalho de organização de Von List, dizendo-o pronto para um ataque na primavera — se não for antes — ao cabo de preparações militares na fronteira sueste da Bulgária nos últimos três meses, com um ardor e rapidez sempre crescentes. Em Setembro, foram enviados destacamentos de infantaria alemã para as trincheiras na fronteira, medida que não foi tomada mesmo durante a campanha contra a Iugoslávia e a Grécia. O Quartel General alemão está agora estabelecido em Liubimets, cerca de 11 quilómetros a noroeste da cidade búlgara fronteira de Svilengrad.

Repare o leitor em como esse ataque pode mal ferir todo o sistema das concentrações dos exercícios ingleses do Próximo Oriente (para o Irão) e depois do malogro patente da primeira arrancada de Auchinleck destacou o general Wilson) e da defesa da Síria. É o complemento, e a consequência de que relatamos os últimos comunicados das operações no sul da frente russa.

REVELAÇÃO ESPANTOSA

A Rússia com limus de facto, como se vê, e ser o fulcro da guerra. Aproveitaram os Aliados este facto? Churchill mobilizou um milhão e seiscentas mil mulheres solteiras para substituírem homens e as que vão entrar em filas, em número de cerca de dois milhões. Mas é próprio não esconder asperas verdades: «Devido à alta tecnologia que a produção norte-americana somente agora está atingindo o seu maior ritmo, e a contribuição que esperávamos dos Estados Unidos poderá ser retardada por muita forma. Isto, infelizmente, dar-se-á não poucas vezes no campo da produção de munições.»

E não hesitem em descerrar mais isto: «A Câmara recorda-se-á de que, por várias vezes, lhe descreveros últimos 5 ou 6 anos o horário ou programa da produção de munições; no primeiro ano, absolutamente nada; no segundo, muito pouco; no terceiro, bastante; no quarto, tudo o que for necessário. Estamos agora no princípio do terceiro ano e os Estados Unidos no princípio do segundo. A Alemanha começou a guerra já em pleno quarto ano.»

O ano próximo disse éle que seria o mais agudo da guerra. Como quis sempre as suas previsões não falharam. A campanha da Líbia onde Auchinleck e Cunningham, conquistando, perdendo, reconquistando posições, não conseguiram

até agora domar as divisões de Rommel — é prolongamento de futuras acções cuja grandeza podemos visionar.

Entrevistado a propósito da sua nomeação para chefe do comando ocidental britânico, o tenente general sir J. H. R. Marshall ao ser-lhe perguntado qual seria a estratégia britânica quando chegasse o momento de invadir a Alemanha, observou que se tratava *duma operação ainda muito afastada*. Acrescentou: «Nessa altura, não nos devemos contentar com atingir o Reno; devemos seguir até Berlim». E como antigo adido militar na capital alemã, observou que na Alemanha, o povo não se considerou vencido, depois da última guerra, por os aliados não terem chegado à capital.

No entanto, veja se como, dum parte Hitler diante de Moscovo, Churchill diante do problema de jugular o inimigo, são ambos atacados pelas mesmas urgências. A primavera próxima só florirá em sangue. Quem já chegar muito preparado e pronto, levará o *handicap* para o terceiro e quarto ano que o velho Winston apontou...

A ampulheta escosa devagar, acirrando os nervos que por ela cantam o perpassar das horas.

J O A L H A R I A L O R Y & C .

ROSSIO, 40 - Casa fundada em 1902 - LISBOA - Tel. 23248



Uma especializada em alta joalharia, com brilhantes de boa qualidade. Pratas artísticas que se distinguem pelo seu modernismo e bom acabamento. Oficinas próprias para transformações e reparações por preços muito moderados.

DIA E NOITE...

Os inegualáveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS

★

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA - RIO DE JANEIRO

Evita-se

COM...

Moussine d'Argy

PO DE AEROS ATOMISADO

Nada há mais cruelmente que o lustro do nariz, motivado pela sudção ou qualquer outra causa epidémica. Os póis de arros vulgares, de grão embora minúsculo, tem o defeito de empastarem com facilidade, causam a dilatação dos póros numa acção lenta e invisível que só vêm a mostrar os seus efeitos às vezes anos depois. Moussine d'Argy é o pó de arros reduzido a átomos, partículas imponderáveis que o tornam tão leve que flutua no ar como diáfana nuvem. A sua finura é tal que ninguém dirá que se usa pó. Além de atomizado por um processo secreto e patenteado, Moussine d'Argy é vitaminado, isto é, contém ainda os poderes estimulantes dos produtos do Dr. Charpy, as vitaminas alimentares de pele.

Moussine d'Argy, em artísticos caixos — modelos de Paris — prepara-se em tons para todas as nuances de pele.

PARLARBALDES

UM HAREM AEREO



Um dos mais ricos maharajás da Índia, o de Nagpur, é um apaixonado da aviação. Tão apaixonado que possui nada mais nada menos que quinze aparelhos para seu uso pessoal. No entanto, estes aviões todos são apenas os acessórios necessários para o transporte a ele e as suas esposas — cujo número se eleva a 75.

Homem de espírito moderno, o maharajá de Nagpur deseja que as suas favoritas sigam as suas passadas — ou melhor, os seus vícios. Isto, evidentemente, acarreta-lhe grandes dissabores — e dificuldades. Na realidade, para seguir a lei do seu país, ele não pode consentir que as mulheres sejam vistas por outra pessoa que não seja o seu senhor melhor, o seu dono. E, por isso, quando o maharajá queria dar o seu passeio, surgia sempre o problema de transportar as mulheres, do harem para o aeroporto, sem que outras profanas lhe pousassem em cima. O nosso maharajá pensou, pensou, e resolveu-se, por fim. A solução achada foi a de construir um túnel de casa até ao campo de aviação, túnel que elas percorrem sozinhas. Agora, quando ele vai dar a sua voltinha de avião com as sete dezenas e meia de esposas, ninguém as vê, nem mesmo os pilotos que estão muito quietinhos no seu lugar e não podem voltar a cabeça para trás, sob pena de ficarem sem ela.

ISTO SIM, SÃO BIGODES!



Há pouco tempo, os jornais portugueses deram conta dum concurso de barbas — estranho livro, o que já se vê — realizado nessa terra estranhamente fantástica e otimista que é a América do Norte. O concurso foi ganho por um respeitável senhor que apresentou mais de um metro de extensão pelosa, aquilo a que pode chamar-se umas barbas respeitáveis.

Damos hoje, porém, uma fotografia ainda mais fantástica. Trata-se de bigodes. É certo que o tempo desses ornamentos capilares já passou. Mas ainda há muito gente que os usa, que gosta deles — e que tem a coragem de os levar a um concurso. Também ainda há quem os organize. E quem os ganhe. E o caso deste grego, residente em S. Francisco da Califórnia que, com os seus 75 anos, apresentou ao público este famoso bigode que tem de envergadura — de ponta a ponta — 93 centímetros.

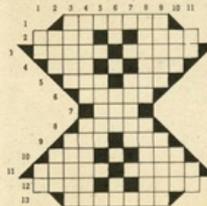
Este homem pode com os bigodes uma volta à cabeça — o que não deixa de ser coisa divertida.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3

HORIZONTAIS: 1 — Ziguezague. 2 — Primeiro Patriarca; Calçado. 3 — Cor de rosa; Nome de homem. 4 — Molatão; Anjo; 5 — Pé; Liga. 6 — Embala. 7 — Agra. 8 — Congéla. 9 — Nome de mulher; Galardo de comarças e ousas. 10 — Acrotida; Rochado. 11 — Programa; Soveco. 12 — Chão; Estrutur; 13 — Lâmina.

VERTICAIS: 1 — Vapor; Aquí. 2 — Graça; Prasi. 3 — Por; Praia. 4 — Nome de mulher; Abstrinência de alimento. 5 — Provérbio de manufaturas. 6 — Prof. (designação de príncipal); Gáster; O. 7 — Adem. 8 — Oferta; Segurar. 9 — Libra esterlina; Ferro argênto. 10 — Tanto; Labareda. 11 — Artigo, feminino plural; Chão.



SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 2

HORIZONTAIS: 1 — Bana; Oso. 2 — U; As; Hó; Ha. 3 — Ripa; Ace. 4 — Réta; Olib. 5 — Auro; Ver; Lais. 6 — Mece. 7 — Talcio. 8 — Sonda. 9 — Cruz; Saz; Eral. 10 — Refia; Amima. 11 — Siro; Enir. 12 — Pé; La; An; Po. 13 — Rmar; Ralar.

VERTICAIS: 1 — Burra; Crepe. 2 — Ai; Eu; Bz; Rr. 3 — Rio; Saja. 4 — Zaino; Siga. 5 — Aspa; Mas; Arar. 6 — Voto. 7 — Meenas. 8 — Rendu. 9 — Oro; Ato; Amar. 10 — Seal; Emiso. 11 — Eas; Eair. 12 — Oh; Ai; Um; Pá. 13 — Samos; Labor.

DOCTOR EM FECHO: DE CORRER



Nos Estados Unidos, acaba de nascer uma nova profissão: a de especialista em fechos de correr, ou, como se pode dizer em português, em fechos de correr.

De tal maneira se generalizou o seu uso que os fatos e os vestidos de mulher estão a transformar todos os seus botões em fechos daquele género. Trata-se, na realidade, duma moda prática e rápida. Rápida — é claro, quando o fecho corre bem, isto é, quando funciona. Imagine o leitor uma rapariga preparada para sair e com o fecho, a trabalhar mal-comprado, estupidamente escangalhado. Que fazer! Tirar o vestido! Impossível! O fecho não corre nem para trás nem para a frente. Sair com as costas à mostra! Não parece bem.

Na América, quando acontece um caso destes, a vítima vai ao telefone e pede, com urgência, a competência dum especialista de fechos de correr em sua casa. Em geral, estes técnicos são muito experientes. Resolvem todas as dificuldades. Não fazem-se pagar bem. Daqui, nasceu esta nova profissão: homens formados em fechos de correr. Tão úteis e tão ansiosamente esperados como os médicos...



HELENE SHEA, uma rapariga belga de 19 anos, que fugiu, com sua família auxiliada pelos soldados escoceses, quando da retirada de Louvain, nunca mais quis abandonar o fardamento do exército britânico que, nessa altura, vestiu. Hoje, é condutora de automóveis e faz cerca de mil milhas por semana.



Charles Wayne Hudson, este rochuchado bebé, é um relaguidio inglês que vive em corça de pessoas amigas da família no Texas americano. Com dois anos e meio, pesa cerca de 40 quilos.

O CÃO E O CACTO (História sem palavras)

Por Stuart Carvalhais



Reabertura = da = Assembleia Nacional

COMEÇARAM HA DIAS os trabalhos da quarta e última sessão legislativa da segunda legislatura. Reabriram a Assembleia Nacional e a Câmara Corporativa. As fotos mostram-nos alguns instantâneos tirados à porta do Palácio do Congresso no dia da reabertura: ao sr. dr. Júlio Dantas, comandante Tenente, eng.º Rodrigues de Carvalho e Alfredo da Silva



ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da "EIAR")

NOVO HORARIO
NOTICIARIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(lcs 11810)	7.50
2 RO 6	m. 19.61	(lcs 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31	(lcs 19590)	11.00
2 RO 6	m. 19.61	(lcs 15300)	15.30
2 RO 4	m. 25.40	(lcs 11810)	20.10
2 RO 15	m. 25.51	(lcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(lcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(lcs 7220)	"
Ondas	m. 221.1	(lcs 1357)	20.10
médicas	m. 263.2	(lcs 1140)	"
2 RO 4	m. 25.40	(lcs 11810)	22.10
2 RO 15	m. 25.51	(lcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(lcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(lcs 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(lcs 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(lcs 9760)	23.00
2 RO 6	m. 19.61	(lcs 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(lcs 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (lcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20.20 horas, e às quartas-feiras, às 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11895) e 30.52 (KCS 9630)

Acertou!...

Preferindo, para a execução dos seus trabalhos

Os Ateliers Gráficos

BERTRAND
IRMÃOS, L.ª A

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA - Telefone P. B. X. 21227 - 21248

NA BATALHA DO DESERTO DA MARMÁRICA



VÁRIOS ASPECTOS OBTIDOS RECENTEMENTE na frente de batalha da Cirenaica, durante as operações que se seguiram à ofensiva do general Cunningham. De cima para baixo: Um oficial italiano fazendo, com o braço esquerdo, o sinal de avançar à sua companhia. — Uma peça anti-tanque italiana em posição de combate contra os engenhos blindados inimigos. — Infantaria italiana atacando com granadas de mão e metralhadoras ligeiras. — Soldados das formações de engenharia destruindo as vedações de arame ferpado no meio de fogo de inimigo.



A INGLATERRA TEM JÁ PREPARADOS OS SEUS CONTINGENTES DE PARQUEDISTAS. A foto mostra-nos um soldado das novas formações transportadas de avião lançando-se dum aparelho, vestido, armado e equipado segundo o modelo inglês.

